

O laboratório alquímico.

Uma metáfora para a transformação psíquica

*Lucas Pereira Latorraca*¹

RESUMO

Investigamos o conceito de laboratório alquímico como uma metáfora para o espaço analítico, que promove a interação simbólica entre o consciente e o inconsciente. A partir das teorias de Carl Gustav Jung, especialmente sua compreensão da alquimia como uma prática simbólica, exploramos como os processos alquímicos refletem a jornada psicológica em busca da totalidade psíquica. Integraremos também a abordagem de Nise da Silveira, que, ao utilizar a arteterapia, atualizou os princípios da imaginação ativa de Jung, evidenciando o valor do simbólico para a prática terapêutica contemporânea. Em um contexto marcado pela racionalidade excessiva, defendemos que práticas criativas, como a imaginação ativa e a arteterapia, resgatam o diálogo com o inconsciente, promovendo a transformação interior. O artigo adota uma metodologia qualitativa baseada na análise bibliográfica, articulando alquimia, psicologia e filosofia para demonstrar como essas práticas ancestrais podem enriquecer abordagens psicológicas, conectando o simbólico ao cotidiano e à jornada de individuação.

PALAVRAS-CHAVE

Laboratório alquímico; Psicologia analítica; Imagem ativa; Arteterapia; Individuação.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Lattes: [1761659867052427](https://lattes.cnpq.br/1761659867052427). E-mail: lucaslatorraca98@gmail.com.

The alchemical laboratory.

A metaphor for psychic transformation

ABSTRACT

We investigate the concept of the alchemical laboratory as a metaphor for the analytic space that promotes symbolic interaction between the conscious and the unconscious. Based on the theories of Carl Gustav Jung, especially his understanding of alchemy as a symbolic practice, we explore how alchemical processes reflect the psychological journey in search of psychic wholeness. We also integrate the approach of Nise da Silveira, who, by using art therapy, updated Jung's principles of active imagination, highlighting the value of the symbolic for contemporary therapeutic practice. In a context marked by excessive rationality, we argue that creative practices, such as active imagination and art therapy, rescue the dialogue with the unconscious, promoting inner transformation. The article adopts a qualitative methodology based on bibliographic analysis, articulating alchemy, psychology, and philosophy to demonstrate how these ancestral practices can enrich psychological approaches, connecting the symbolic to everyday life and the journey of individuation.

KEYWORDS

Alchemical laboratory; Analytical psychology; Active imagination; Art therapy, Individuation.

Recebido: 15/01/2025

Aceito: 29/03/2025

Publicado: 07/10/2025

Doi: <https://doi.org/10.59780/fzgx9647>

Introdução

Mal compreendida por anos como a busca ilusória de transformar metais básicos em ouro, a alquimia tem sido frequentemente vista como parte do esotérico. Carl Gustav Jung, no entanto, se aprofundou sobre esse tema, encontrando na alquimia um sistema simbólico que refletiria a jornada psicológica dos humanos em direção à totalidade e à integração psíquica. Para Jung, os símbolos e procedimentos alquímicos não são meras práticas químicas arcaicas, mas metáforas profundas que expressam o movimento interior em direção à individuação.

Neste artigo pretendemos discutir as relações entre alquimia e psicologia analítica, focando no conceito de laboratório alquímico como uma metáfora para o espaço analítico. Temos como objetivo mostrar como os processos alquímicos ilustram a interação simbólica entre o consciente e o inconsciente, explorando paralelos com práticas terapêuticas contemporâneas, como a imaginação ativa junguiana ou a arteterapia desenvolvida por Nise da Silveira. Além disso, buscamos compreender como, a partir dessas práticas, podemos resgatar a importância do simbólico em uma sociedade predominantemente racionalizada.

Para alcançar esses objetivos, adotamos uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada na análise de textos fundamentais de Jung e Marie-Louise von Franz sobre alquimia e psicologia. Complementarmente, o estudo incorpora as práticas clínicas de Nise da Silveira, destacando o uso da arte como canal para expressão e transformação simbólica. Desse modo, a nossa metodologia envolve uma revisão bibliográfica, com foco na articulação entre história, psicologia e filosofia, a fim de demonstrar como o resgate desses conceitos ancestrais pode enriquecer a prática analítica contemporânea.

Não apenas como uma revisão da história, este artigo visa encontrar na alquimia uma cosmologia simbólica que fale às demandas da psique humana, funcionando dentro das coordenadas de um mundo hermeneuticamente concebido. Por meio dessa relação de práticas antigas com práticas terapêuticas atuais, ele considera uma possibilidade de reintegração do simbólico ao cotidiano, como uma ferramenta para a transformação individual, respondendo aos desafios que o mundo contemporâneo coloca sobre uma pessoa que vive em uma sociedade que tem pouca conexão com suas emoções e criatividade.

A alquimia e o processo psíquico

Jung viu na alquimia algo muito além de uma protociência voltada à transmutação literal de metais em ouro. Para ele, a obra alquímica era, essencialmente, uma prática simbólica que

representava a jornada interior do ser humano em busca da totalidade psíquica.² O “ouro alquímico”,³ nesse contexto, não era uma substância material, mas um símbolo da completude, da integração e da realização do potencial humano – aquilo que Jung chamou de processo de individuação. Esse processo é o núcleo da psicologia analítica, constituindo uma busca contínua por harmonizar os diferentes aspectos da psique, incluindo o ego, o inconsciente pessoal, o inconsciente coletivo e os arquétipos.

No processo analítico, isto é, no confronto dialético do consciente e do inconsciente, constata-se um desenvolvimento, um progresso em direção a uma certa meta ou fim cuja natureza enigmática me ocupou durante anos a fio [...]. Essas ocorrências fortaleceram inicialmente minha hipótese de que há na alma um processo que tende para um fim, independentemente das condições exteriores (Jung, 1990, § 3).⁴

Esse processo, dito na citação, o qual Jung chama de individuação, pode ser considerado uma jornada pela qual o indivíduo transcende a identificação exclusiva com o ego e consegue integrar elementos inconscientes da psique, essa jornada envolve confrontar os próprios arquétipos, como a Sombra (os aspectos reprimidos da personalidade), a Anima/Animus (representações do feminino e do masculino internos) e o *Self* (a totalidade psíquica). Esse percurso, até chegar ao que o autor chama de individuação, ocorre por meio de símbolos, que podem emergir tanto nos nossos sonhos quanto nas manifestações culturais e artísticas de um indivíduo ou sociedade.

Encontramos na alquimia esses símbolos do inconsciente que nos permitem seguir o processo de individuação, como Jung afirma: “o leitor surpreender-se-á com a abundância das relações entre o simbolismo do sonho individual e a alquimia da Idade Média” (1990, § 39). Jung dá esse destaque à conexão entre o simbolismo alquímico e os sonhos, com intuito de mostrar que os símbolos alquímicos não são exclusivos dos textos históricos ou da prática alquímica, mas emergem naturalmente do inconsciente humano, especialmente em sonhos, reconhecendo a alquimia como uma forma simbólica de explorar os processos psicológicos e espirituais.

Jung encontrou metáforas ricas para descrever esse processo. Na alquimia, a *nigredo* (a fase de dissolução e putrefação), por exemplo, corresponde à desconstrução do ego e ao confronto com a Sombra. Já a *albedo* (purificação) reflete a integração inicial de elementos

² Para Jung, a totalidade psíquica é representada pelo conceito de *Self* (*Si-mesmo*), que ele descreve como o centro regulador da psique e a totalidade que abrange tanto o consciente quanto o inconsciente.

³ Para muitos alquimistas, o ouro era uma metáfora para a transformação interior e representava a ideia de pureza. Do mesmo modo, para Jung, o ouro alquímico era um símbolo que representa a totalidade psíquica, a individuação e a realização do *Self*.

⁴ A paginação segue a numeração dos parágrafos conforme indicado nas obras de Jung.

inconscientes. Finalmente, a *rubedo* (iluminação) simboliza a união dos opostos e a realização da totalidade, análoga ao *Self*. Assim, o autor nos permite olhar para o alquimista que busca a pedra filosofal ou o ouro perfeito,⁵ como, na verdade, alguém engajado em um processo psíquico profundo, que se desenrola tanto no interior quanto no exterior.⁶ Afirma Jung: “o alquimista projetava o processo de individuação nos processos de transformação química, conforme demonstram os textos e seu simbolismo” (1990, § 564).

A ideia do laboratório alquímico, na psicologia analítica, é entendida como uma extensão do próprio ser do alquimista. As operações realizadas – dissolver, cozer, destilar, coagular – não eram apenas procedimentos químicos, mas representações simbólicas de transformações interiores, por isso, os alquimistas estavam transformando tanto objetos materiais quanto também, de forma concomitante, a própria psique.

Enquanto o alquimista incandesce no forno sua matéria, ele se submete por assim dizer moralmente ao mesmo tormento pelo fogo e à mesma purificação. Devido à sua projeção na matéria ele se identifica inconscientemente com a mesma e, portanto, sofre o mesmo processo (Jung, 2011a, § 173).

O forno alquímico era associado ao *athanor*, símbolo do calor necessário para a transformação interior. Os reagentes simbolizavam os conflitos psíquicos que, ao interagirem, produzem novas sínteses. Outro exemplo encontramos na descrição do processo de *calcinatio* (calcinação), em que a substância é aquecida até sua essência pura emergir, ou seja, interpretativamente isso nos remete à purificação da psique, onde o ego é “queimado” para eliminar qualquer tipo de resistência, permitindo que aspectos mais autênticos venham à tona. Os exemplos servem para destacar a importância de enxergar o alquimista para além do manuseio de substâncias químicas, mas também um indivíduo que trabalha em seu laboratório a própria psique.

Afirma Jung sobre o trabalho alquímico: “os alquimistas são, de fato, pessoas solitárias; cada qual diz o que tem a dizer à sua maneira [...]. Cada qual trabalhava sozinho no laboratório e sofria com a sua solidão” (Jung, 1990, § 422). Na citação vemos que há um destaque que ressalta o trabalho alquímico como uma tarefa que exigia isolamento e introspecção. O motivo dessa afirmação é porque o alquimista, ao se dedicar ao laboratório, retirava-se do mundo exterior, se colocando em um ambiente seguro para produzir esse movimento de se direcionar

⁵ Para os alquimistas, a pedra filosofal simboliza a perfeição ou a transformação máxima que se pode alcançar. Jung reinterpreta-a como um arquétipo da totalidade psíquica, representando a culminação do processo de individuação.

⁶ Quando utilizado o termo “Interior”, estamos nos referindo à realidade psíquica.

para seu interior, algo necessário para sua autocompreensão. É nesse sentido que o laboratório alquímico serve como uma metáfora para o espaço analítico: tanto o alquimista quanto o paciente em análise trabalham em um ambiente protegido, onde podem confrontar os paradoxos e conflitos psíquicos que sustentam e orientam suas transformações.

A partir de uma interpretação mais rigorosa sobre a alquimia, podemos dizer que a verdadeira arte alquímica era a união do material e do espiritual, do consciente e do inconsciente, e do microcosmo com o macrocosmo. Dentro dessa perspectiva, somos capazes de romper com as interpretações puramente literais ou utilitárias da alquimia, colocando-a como uma prática filosófica e psicológica profundamente integrada. Jung foi capaz de enxergar na alquimia uma sabedoria arquetípica, que nos permite dialogar com várias necessidades da psique humana, ao mesmo tempo que ela também oferece um modelo simbólico ao processo de individuação.

Um exemplo que podemos utilizar para apresentar esses aspectos citados é o conceito alquímico da *coniunctio oppositorum* (união dos opostos), que ressoava diretamente com a meta de integrar as polaridades psíquicas – masculino e feminino, luz e sombra, espírito e matéria. Como afirma Jung:

a problemática dos opostos suscitada pela sombra desempenha um papel importante e decisivo na alquimia, uma vez que conduz à unificação dos opostos no decorrer da obra, sob a forma arquetípica do “hieros gamos”, ou seja, das “núpcias químicas”. Nesta, os opostos supremos sob a forma do masculino e do feminino (como no yang e yin chinês) se fundem numa unidade em que os contrários desaparecem, unidade esta incorruptível (1990, § 43).

Dessa forma, o alquimista não estava meramente transformando chumbo em ouro, mas reconciliando as dualidades internas para se tornar um microcosmo sintonizado com o macrocosmo: alcançando uma harmonia da realidade psíquica com a experiência material. A releitura de Jung aqui lança um desafio tanto aos reducionismos históricos quanto aos pragmatismos atuais, afirmando que a alquimia deve ser vista não como uma pseudociência arcaica, mas como tendo um simbolismo que é psicológico e existencial por natureza.

O laboratório alquímico e o inconsciente como espaço filosófico e criativo

Para entender o laboratório alquímico como um espaço de criação é essencial primeiro compreender a concepção junguiana de inconsciente, o que exige uma breve retomada das ideias de Freud. Para Sigmund Freud, a mente inconsciente é essencialmente vista como um repositório de conteúdos reprimidos, um espaço passivo onde desejos, traumas e experiências não resolvidos são guardados longe da consciência. Ele acreditava que esses conteúdos, por

estarem em conflito com o ego ou socialmente inaceitáveis, eram reprimidos e estocados no inconsciente, enquanto esperavam por uma oportunidade para se manifestar, seja por meio de sonhos, lapsos de língua ou sintomas neuróticos. Nesse modelo, portanto, o inconsciente funciona como um depósito onde o conteúdo reprimido permanece armazenado até que possa ser trazido à luz por meio da análise; permitindo assim que o paciente o reconheça e o integre. As manifestações são tratadas terapeuticamente para que o sofrimento psicológico seja aliviado; usando a análise junguiana para trazer o inconsciente para o campo da consciência.

Em contraste com Freud, Jung entende o inconsciente como um sistema dinâmico com sua própria autonomia, sendo oposto ao de Freud, que é um mero depósito de conteúdos reprimidos. Jung acredita que o inconsciente desempenha um papel ativo e independente, sendo uma fonte ativa de criatividade e transformação, como o próprio autor afirma:

o princípio do inconsciente, porém, é a autonomia da própria psique, a qual no jogo de suas imagens não reflete o mundo, mas a si mesma. Não obstante, utiliza as possibilidades representativas fornecidas pelo mundo dos sentidos, a fim de tornar claras as suas imagens (1990, § 186).

Isso significa que imagens e símbolos vindos do inconsciente não são meras imitações da realidade externa, mas expressões criativas e originais de processos em ação dentro da psique. Essa autonomia é reforçada pela incapacidade de a consciência controlar ou moldar o inconsciente, como ressalta Jung: “a consciência é passível de ser domesticada como um papagaio, mas isto não se dá com o inconsciente” (1990, § 51). Compreendemos também que os conteúdos trazidos à luz pelo inconsciente muitas vezes são estranhos à mente consciente.

Já existe uma dissociação, pois o inconsciente age independentemente e lhe traz imagens que ela não criou conscientemente, e por isso percebe como alheias e estranhas. Ao observador objetivo se evidencia que as fantasias procedem de uma energia psíquica não sujeita ao controle do consciente (Jung, 2011b, § 683).

Portanto, ele argumenta que é essa dissociação que torna possível que os conteúdos simbólicos encontrem seu caminho para a superfície e desafiem a mente consciente. Esse mesmo processo atesta o fato de que a mudança e a evolução psíquica são principalmente direcionadas pelo inconsciente.

Essa ideia de inconsciente criativo proposto por Jung se assemelha ao papel do laboratório alquímico como um campo de experimentação, onde o novo pode emergir a partir do confronto com o desconhecido. Assim como no laboratório alquímico, onde o alquimista interage com substâncias para transformar a matéria, o inconsciente junguiano é um espaço no qual o indivíduo tem a oportunidade de confrontar suas imagens internas e realiza um processo

de integração simbólica. No laboratório, as transformações materiais refletem a transmutação psíquica, e o trabalho do alquimista com a matéria é análogo ao trabalho psicológico de transformação interior. Dessa forma, o inconsciente, para Jung, é não apenas um espaço de repressão ou de simples resolução de conflitos, mas um campo criativo e ativo, essencial ao processo de individuação e transformação da psique.

A partir do conceito de inconsciente criativo de Jung podemos dar sequência a outro conceito que nos auxiliará a compreender como funciona o processo psicológico do alquimista dentro da sua experiência de laboratório. Criado por Jung e desenvolvido por Marie-Louise von Franz, o conceito de imaginação ativa se torna crucial para entendermos esse trabalho criativo do alquimista. A alquimia e a imaginação ativa estão intimamente ligadas, porque ambas envolvem uma conversa com as imagens simbólicas que surgem do inconsciente. A imaginação ativa é um método pelo qual, como descrito por Franz, a psique consciente pode interagir intencionalmente com símbolos arquetípicos inconscientes, em vez de meramente contemplar as imagens que nos chegam em sonhos ou fantasias; ela nos convida a confrontá-las e trabalhar ativamente com elas. Franz fala sobre o que Jung pensava sobre a imaginação ativa:

Jung às vezes definia a tradição psicológica introvertida na alquimia como sendo a arte da imaginação ativa com as substâncias. Geralmente pensamos na imaginação ativa como uma conversação com nossos complexos personificados, tentando, em nossa imaginação e fantasia, personificar alguns de nossos complexos e então acertar as contas com eles, os complexos do ego, ou o ego, ao conversar com esses fatores internos (1998, p. 28).

Como vemos na citação, Jung acredita que a alquimia e a imaginação ativa compartilham a mesma essência: o diálogo do inconsciente e da consciência em busca de um equilíbrio. No contexto do laboratório alquímico, esse processo ocorre como uma relação simbólica entre o indivíduo e a matéria, enquanto ele trabalha com ela. Von Franz diz que, para os alquimistas, tais mudanças químicas eram também projeções vivas de processos psíquicos inconscientes. Assim, o laboratório agia como uma espécie de palco onde a imaginação ativa podia funcionar e, por meio disso, o alquimista podia experimentar como os efeitos simbólicos de seu próprio inconsciente funcionam na realidade material.

Como dito antes, operações alquímicas, como por exemplo a dissolução (*solutio*) ou a calcinação, não são somente um processo químico de transformações físicas, mas também ocorrem paralelamente processos psíquicos por parte do praticante. No caso da *solutio*, ela representava a desintegração de padrões rígidos do ego. A partir desse aspecto, podemos afirmar que há uma interação consciente com esses conteúdos simbólicos: aqui se encontra a imaginação ativa. No diálogo intencional com o simbólico que é possível que esses conteúdos

inconscientes sejam integrados à consciência, promovendo a transformação psíquica. Como afirma Von Franz: “solução refere-se ao líquido, à liquefação de metais ou de outras substâncias na retorta, mas também é a solução de um problema filosófico ou humano” (1998, p. 144), indicando que as mudanças materiais no laboratório eram reflexos simbólicos das transformações psíquicas ocorrendo no interior do alquimista.

Outro ponto crucial na definição de imaginação ativa de Von Franz é que esse trabalho exige uma atitude de participação ativa e consciente, muito parecida com a atitude do alquimista em relação ao desconhecido. O alquimista em seu laboratório não tinha absolutamente nenhum controle sobre as reações químicas que ocorriam; ele tinha que observar, aprender e se relacionar com o material sobre o qual nada sabia, sendo guiado pela intuição e pelos símbolos que o acompanhavam nesse processo. Da mesma forma, a imaginação ativa exige que se abandone a passividade e busque a interação criativa com o material que surge do inconsciente, de modo que ele deixe os símbolos falarem sobre certos aspectos da própria psique.

Como sabem, pode-se também ativar a imaginação pela pintura; vocês apanham um pincel e produzem seu material inconsciente na forma de uma fantasia pintada, ou então da escultura, ou da dança. Pode-se canalizar formas muito diversas de autoexpressão até o inconsciente. Com seus corpos, vocês podem dançar uma fantasia, ou com um pincel vocês podem pintar uma imagem fantástica. Então, por que não poderíamos levar material químico ao inconsciente, e com ele produzir nossa fantasia? (Franz, 1998, p. 28).

Nesta passagem, a escritora aponta para a flexibilidade da imaginação ativa como uma prática de engajamento consciente com os conteúdos simbólicos do inconsciente, em que ela pode ser manifesta por expressões tradicionais, como a pintura, escultura e a dança, assim como também pode incluir a manipulação de substâncias como no caso da alquimia. Ela abre espaço para fazermos uma conexão direta com o laboratório alquímico e a prática psicológica, sugerindo que o trabalho com a matéria pode funcionar como um veículo simbólico para explorarmos o inconsciente.

Essa relação destacada entre a alquimia e a imaginação ativa é o que nos reforça a ideia de que tanto a prática alquímica quanto o trabalho de análise são, em essência, jornadas criativas de autodescoberta. Ao transformar a matéria desconhecida em ouro simbólico, tanto o alquimista quanto o praticante da imaginação ativa participam de um processo de integração psíquica que vai além da literalidade das coisas,⁷ guiando-os em direção à integração da psique.

⁷ Processo de racionalização do mundo, em que só se entende o mundo a partir de relações de causa e por seus aspectos literais, suprimindo a subjetividade de interpretar o real.

Em seu contexto histórico, o trabalho dos alquimistas com substâncias químicas era muito diferente da abordagem moderna. É importante ressaltar que hoje conhecemos reações químicas em termos de fórmulas, leis que as descrevem e explicam, e assim medem cada passo envolvido nos processos químicos, porém, para eles, a matéria era uma entidade viva e misteriosa, repleta de significados ocultos. Ao manipular a matéria desconhecida, eles não tinham apenas dificuldades técnicas, mas serviam também como um portal simbólico através do qual poderiam encontrar verdades mais profundas sobre o universo e sua própria mente. Muitas vezes, no que diz respeito aos processos psíquicos, alguns alquimistas não tinham um completo discernimento do que estavam fazendo, se confundindo entre os aspectos psicológicos e materiais, porém, é evidente que com suas experiências eles percebiam as transformações interiores que lhes aconteciam.

O opus alquímico não concerne em geral unicamente aos experimentos químicos, mas a algo semelhante aos processos psíquicos, expresso numa linguagem pseudoquímica. Os antigos conheciam aproximadamente o que eram os processos químicos; deviam saber pelo menos que o que praticavam não era química comum (Jung, 1990, § 342).

É essa relação com o desconhecido que permitia que o laboratório alquímico se tornasse um campo simbólico onde o alquimista enfrentava a incerteza e o mistério. Reinterpretando tais práticas, Jung reforça a ideia de que o laboratório alquímico é um símbolo para o espaço em que ocorre a interação entre o consciente e o inconsciente, em que a matéria desconhecida enfrentada pelo alquimista espelha conteúdos inconscientes que surgem da análise ou da prática de imaginação ativa. É um trabalho que deve ser desenvolvido com paciência, intuição e disposição para o inesperado.

Por fim, ao abordarmos o laboratório alquímico e o inconsciente como espaços de transformação, somos encorajados a explorar o desconhecido criativa e simbolicamente. Jung, ao integrar a prática alquímica com a imaginação ativa e a filosofia, nos fornece uma visão muito enriquecedora na nossa própria compreensão da psique e da dinâmica da transformação interior, em que seus significados são mais que somente metáforas, mas fornecem processos de integração e renovação essenciais para o desenvolvimento humano.

Implicações para a prática analítica

Como dito anteriormente, a Imaginação Ativa é um método terapêutico que busca criar um espaço de interação entre a consciência e o inconsciente, sendo capaz de fazer isso por meio de manifestações simbólicas. Desse modo, permite que os indivíduos se envolvam ativamente

com algumas imagens e conteúdos simbólicos que emergem do seu inconsciente. O intuito é promover um diálogo criativo que leve à transformação. Dito isso, vamos buscar compreender agora esse processo de imaginação ativa pelos olhos de Nise da Silveira, que é uma das maiores expoentes da psicologia analítica no Brasil e que incorporou e expandiu essa abordagem em seu trabalho clínico. Nise desenvolveu a arteterapia, que é o processo de utilizar a criação artística como um canal para que os pacientes acessem conteúdos profundos de sua psique, desse modo, possibilitando a expressão de imagens do inconsciente de maneira simbólica e visual. Por isso, sua prática clínica está alinhada com o conceito de imaginação ativa, já que com a arteterapia ela transforma o ato de criar em um processo de autocompreensão e integração psíquica nos indivíduos.

O espantoso foi a verificação de que o ato de pintar podia adquirir por si mesmo qualidades terapêuticas. [...] Nossa observação cada vez mais confirma que a pintura não só proporciona esclarecimentos para processos patológicos, mas constitui igualmente verdadeiro agente terapêutico (Silveira, 1981, p. 132).

Na citação retirada da obra de Nise, conseguimos identificar esse aspecto de dualidade do ato de pintar dentro do cenário terapêutico. Ele não apenas serve como uma ferramenta para explorar e compreender os processos psíquicos – frequentemente associados a estados patológicos –, mas também opera como um meio de transformação e cura. Isso ocorre porque, através da pintura, torna-se possível externalizar e simbolizar conteúdos que são inconscientes, facilitando assim a comunicação dos aspectos conscientes e inconscientes. Esse é um exemplo notável do trabalho de Nise: o uso de ateliês de pintura e modelagem em hospitais psiquiátricos, em que os pacientes eram incentivados a expressar suas experiências internas através da arte, permitindo que símbolos de seu inconsciente coletivo e pessoal emergissem. Para Nise, assim como para Jung, o valor da arte no processo terapêutico não estava na técnica ou na estética, mas na função simbólica das criações.

Assim como o laboratório alquímico funcionava para os antigos como um espaço de interação entre a matéria e a psique, o ateliê de arteterapia é um local onde os pacientes transformam a matéria (tinta, argila, papel) em reflexos de suas próprias transformações internas. Essa analogia ressalta a profundidade do trabalho de Nise, que enxergava o ato criativo como um equivalente moderno do trabalho alquímico, possibilitando aos indivíduos a experiência de individuação por meio da arte. Jung fala sobre:

não é por acaso que a alquimia se chama a si mesma de “arte”; sente, de uma forma correta, que trata de processos criativos que só podem ser realmente compreendidos pela vivência, e que o intelecto só pode descrevê-los. Os próprios alquimistas diziam:

“rumpite libros, ne corda vestra rumpantur” (Rasgai os livros para que não se rompam vossos corações). Mas por outro lado insistiam justamente no estudo dos livros. São as vivências e não os livros que nos aproximam da compreensão (1990, § 564).

Com a introdução de técnicas como a imaginação ativa e a arteterapia na prática analítica, somos capazes de ampliar o alcance das abordagens tradicionais, que muitas vezes dependem exclusivamente da verbalização. Nise da Silveira mostrou que, para alguns pacientes, especialmente aqueles com transtornos psicóticos graves, o uso da linguagem simbólica e não verbal pode ser mais eficaz para acessar e transformar conteúdos inconscientes. Do mesmo modo, vemos nos alquimistas essa sabedoria: a ideia de que o trabalho no laboratório não é puramente racional, mas só pode ser compreendido plenamente com a vivência, tanto o alquimista quanto o paciente em processo de análise necessitam da jornada simbólica para a autotransformação.

Na imaginação ativa, o terapeuta incentiva o paciente a engajar-se conscientemente com as imagens que surgem espontaneamente em sua mente. Esse processo pode ocorrer de forma visual, como nos desenhos e pinturas de arteterapia, ou por meio de diálogos internos, dramatizações e até escrita criativa. Em cada caso, o objetivo é dar forma a conteúdos inconscientes que, de outra forma, permaneceriam inacessíveis. Diz Nise: “o atelier de pintura me fez compreender que a principal função das atividades na Terapêutica Ocupacional seria criar oportunidade para que as imagens do inconsciente e seus concomitantes motores encontrassem formas de expressão” (1981, p. 13-4).

Portanto, torna-se evidente que o tratamento terapêutico, quando atualizado com essas formas de trabalho, assume um escopo maior, o que implica o potencial de investigar a criatividade como um fator fundamental de cura. Isso é equivalente ao que o Jung fala sobre o trabalho alquímico, em que, através da transformação simbólica da matéria, é expressa, simultaneamente, a transformação interna que ocorre em um indivíduo. Ao integrar essas práticas, a psicologia contemporânea se equipa em termos de ferramentas para ser mais adequada às dificuldades do mundo moderno. Questões como o aumento de transtornos psicossomáticos e a necessidade de abordagens mais sensíveis à diversidade cultural e individual tornam essas técnicas especialmente relevantes.

A psicoterapia junguiana tem por meta não só a dissolução de conflitos interpessoais, mas favorecer o desenvolvimento das “sementes criativas” inerentes ao indivíduo doente. E é justamente em atividades feitas com as mãos que, com bastante frequência, se revela a vida dessas “sementes criativas”. Jung escreve: “se houver alto grau de crispação do consciente, muitas vezes só as mãos são capazes de fantasia” (Silveira, 1981, p. 102).

A passagem sublinha um aspecto essencial, de que o foco não está apenas na resolução de conflitos, mas também no desenvolvimento do potencial criativo do indivíduo. Quando Nise utiliza a expressão “sementes criativas”, ela se refere a esses potenciais latentes, que podem florescer em contextos terapêuticos adequados. Jung acreditava que, além do alívio dos sintomas e da resolução imediata de problemas psicológicos, o propósito da psicoterapia deveria residir em estimular as capacidades inatas de criação e transformação que cada pessoa possui, mesmo em estados de sofrimento ou doença.

Compreendemos então que tanto a imaginação ativa quanto a arteterapia refletem aspectos do laboratório alquímico. Isso nos mostra que essas abordagens não são novas, são práticas que foram realizadas por diversos indivíduos ao longo da história, porém, agora temos acesso e refino dos conceitos e práticas psicológicas que nos possibilitam ampliar o alcance dos tratamentos terapêuticos. Essa abordagem mostra que o diálogo com imagens simbólicas, seja por meio da pintura ou outras práticas, possibilita promover a transformação psíquica e melhorar as condições patológicas dos indivíduos. A relevância desse entendimento reside na compreensão de que, em um mundo racionalizado, o uso de elementos simbólicos é essencial para o desenvolvimento saudável da psique.

Portanto, a compreensão de como os antigos lidavam com seus conflitos psicológicos nos oferece um valioso ponto de partida para reimaginar as práticas terapêuticas contemporâneas. Técnicas como a imaginação ativa e a arteterapia, ao atualizarem esses saberes ancestrais, reafirmam a necessidade da experiência e criatividade no processo de transformação psíquica. Além disso, essas abordagens também expandem a psicologia analítica para um campo interdisciplinar, que se relacionaria com áreas como a filosofia, neurociência e artes. Esse movimento reflete em seu cerne as ideias da psicologia analítica e o trabalho de Nise da Silveira, que percebeu a psique humana como uma totalidade dinâmica, na qual a natureza simbólica, emocional e criativa se entrelaçam como pilares fundamentais para a cura e o autoconhecimento.

Conclusão

A análise do laboratório alquímico, tanto do ponto de vista histórico quanto pela interpretação junguiana, revela uma prática simbólica necessária ao entendimento do processo de transformação psíquica. Desde a Antiguidade, os alquimistas se retiravam a um espaço protegido para manipular não apenas a matéria, mas também seus próprios processos internos, manifestando simbolicamente a jornada da alma em busca de autoconhecimento e totalidade.

Essa jornada, que para os alquimistas era sagrada, remete à ideia de que a transformação da matéria no laboratório também refletia uma ascensão espiritual e psíquica. Hoje, ao integrar práticas como a imaginação ativa e a arteterapia, podemos expandir essa abordagem ancestral, trazendo à tona a importância da vivência simbólica como parte essencial do desenvolvimento psíquico, tão necessária para que nós nos compreendamos como indivíduos e não apenas como partes da massa.

A imaginação ativa e a arteterapia, porque permitem a interação consciente com imagens do inconsciente, abrem um novo terreno para terapêuticas que transcendem a mera verbalização de problemas. Para Jung, o inconsciente não é apenas um depósito de imagens reprimidas, mas sim um campo criativo e dinâmico que, quando ativamente engajado, permite que uma pessoa realize uma profunda transformação interior. Na arteterapia, como enfatizado por Nise da Silveira, o ato criativo é um veículo extraordinariamente poderoso para a autocompreensão. A arte, portanto, oferece um espaço simbólico através do qual os pacientes podem manifestar e trabalhar suas imagens inconscientes, assim como o alquimista que trabalha com a matéria em seu laboratório para atingir a transmutação interior.

Não se trata de fazer arte, diz Jung, mas de produzir um efeito sobre si próprio. Aquele que até então permanecia passivo, agora começa a desempenhar uma parte ativa. Lançando sobre o papel as imagens que viu passivamente, realiza um ato deliberado. Há grande diferença entre falar sobre imagens de sonhos e fantasias durante uma sessão analítica, e lutar durante horas com pincéis e tintas para dar forma a imagens fugidias. Cedo o indivíduo verifica que o ato de pintar o liberta de estados psíquicos de muito sofrimento. Passará a recorrer espontaneamente a este método e assim irá se tornando independente de seu médico. Dando forma às imagens internas, simultaneamente, ele se modela a si mesmo (Silveira, 1981, p. 134-5).

Como expresse na passagem, esse processo de interação criativa com o inconsciente é necessário, não apenas no ambiente do consultório, mas também em nossas práticas cotidianas. Perceber que o laboratório alquímico é um espaço simbólico nos permite considerar ações cotidianas – seja praticando um esporte, algum tipo de arte ou mesmo cuidando da casa – como oportunidades para nosso próprio trabalho interior. Assim como o alquimista trabalha para mudar a matéria com paciência e dedicação, de forma equivalente também podemos iniciar nossa jornada simbólica fora do consultório terapêutico, o que possibilitará uma relação profunda entre o simbólico e o material, nos guiando em direção à individuação. Esse caminho não só enriquecerá nossa relação com nós mesmos, mas também nos levará a nos posicionarmos no mundo com mais autenticidade e clareza para que seja possível atingir o equilíbrio psíquico, fundamental ao bem-estar.

É fundamental que o simbólico seja integrado à prática psicológica contemporânea. Em um mundo tão excessivamente racionalizado, um retorno ao simbolismo nos permite restabelecer o equilíbrio dentro de nossas psiques e encorajar o desenvolvimento humano. O ato criativo, seja ele um trabalho artístico ou qualquer outra forma de expressão simbólica, constrói uma ponte que leva os conteúdos do inconsciente à consciência. Como resultado, isso fornece a oportunidade não apenas para que os conflitos sejam resolvidos, mas também possibilita a revelação do potencial criativo latente. Assim, a psicologia analítica, juntamente com as práticas terapêuticas que fluem dela, constitui o núcleo que nos guia para recuperar essa capacidade humana de transformação, ao mesmo tempo em que promove um relacionamento mais fundamentado com nossas verdadeiras necessidades e aspirações, nos permitindo viver uma vida mais autêntica.

Em síntese, ao resgatar o conceito de laboratório alquímico e integrar práticas criativas como a imaginação ativa e a arteterapia na prática analítica, ampliamos as possibilidades dos tratamentos psicológicos. Os aspectos da alquimia desenvolvidos ao longo do texto nos apresentam como ela é uma fonte rica de compreensão para a psicologia contemporânea, tanto como arte quanto como ciência simbólica. A alquimia nos oferece um modelo tanto terapêutico quanto filosófico, que nos auxilia e nos direciona na busca pela resolução dos nossos problemas psíquicos. A relação simbólica com o inconsciente, que é essencial ao desenvolvimento psíquico e espiritual, é uma prática que, se aplicada com profundidade, pode gerar curas duradouras e significativas, moldando a psique individual para se manifestar plenamente no mundo.

REFERÊNCIAS

- FRANZ, Marie-Louise von. *A alquimia e a imaginação ativa*. Trad. Pedro da Silva Dantas Jr. São Paulo: Cultrix, 1998.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Trad. Walderedo Ismael de Oliveira. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o inconsciente*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- JUNG, Carl Gustav. *Estudos alquímicos*. Trad. Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 2011a.
- JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e alquimia*. Trad. Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva, Margaret Makray e Maria Luiza Appy; rev. liter. Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva e Maria Luiza Appy; rev. téc. Jette Bonaventure. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

JUNG, Carl Gustav. *Símbolos da transformação*: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. Trad. Eva Stern; rev. téc. Jette Bonaventure. Petrópolis: Vozes, 2011b.

SILVEIRA, Nise da. *Imagens do inconsciente*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.